

Exercício sobre um poema de Manoel de Barros

Mafalda Frade & Maria do Céu Caetano

Em *Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada* (Barros 1998), reflete-se poeticamente sobre a língua como construção de novas realidades e opina-se sobre os limites da linguagem, o constrangimento da norma e o poder da inovação linguística, explorando-se o poder referencial da palavra. Ao longo das diversas estrofes que compõem o poema, advoga-se a autonomia discursiva como prática essencial da criação poética, defendendo-se que é a liberdade linguística que permite a infinidade de escolhas interpretativas que se espera de um poema. Assim, através da reflexão linguística é possível perceber que alguns processos de formação de palavras utilizados pelo poeta (recorrendo nomeadamente à exploração de neologismos) ampliam as possibilidades de inferência, de reflexão e de associação, preenchendo algumas lacunas da argumentação literária.

Com este pequeno exercício, pretendemos mostrar que qualquer poeta, e Manoel de Barros não é, pois, exceção, cria palavras, frases, enunciados e textos originais, mas só o pode fazer valendo-se dos recursos linguísticos disponíveis.

Referência

Barros, Manoel de. 1998. *O Guardador de Águas*. Rio de Janeiro: Editora Record